

ESTUDOS LITERÁRIOS, LEITURA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

LITERARY STUDIES, READING AND AESTHETIC EXPERIENCE

Ana Crélia Dias¹, Ana Cristina Coutinho Viegas², Iza T. Gonçalves Quelhas³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
anacrelia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3548-8486>

² Colégio Pedro II (CPII), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
anacrisviegas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6507-3794>

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
prof.iza.quelhas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5762-9147>

(...)
Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.
É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem). (...)

(NETO, J. C. de M. N. **O cão sem plumas**. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 108.)

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. [...] A nós, adultos, nos cabe transmitir às novas gerações essa herança frágil, essas palavras que ajudam a viver melhor.

(TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009, p. 93)

A proposta deste dossiê – Estudos literários, leitura e experiência estética – prioriza a experiência estética, na leitura literária e também nas práticas pedagógicas, destacando-se os tópicos: a) a importância da interação; b) as aproximações produtoras entre as práticas e as teorias de mestres profissionais

e de estudos literários, no intuito de minimizar limites naturalizados sobre o ensino de literatura, desde a Educação Básica.

Nas últimas décadas, que incluem a passagem do século XX para o XXI, o ensino da literatura, em muitos casos, luta contra o desaparecimento. Um aliado veio da tecnologia, pois, as várias e recentes inovações tecnológicas, assim como o uso de diferentes plataformas, não apenas possibilitam acesso aos textos, literários ou não, como propiciam o surgimento de outros gêneros discursivos, multimodais, colaborativos e híbridos. Num cenário em mutação, o significado da leitura amplia-se, uma vez que ler significa atentar para múltiplas linguagens presentes no texto. O uso da linguagem verbal escrita, verbal oral, sonora não verbal, visual etc., constitui um espectro amplo da produção textual e de possibilidades de leitura.

Fundamental para a formação plena do ser humano, o ensino de literatura, assim como de outras manifestações artísticas, estimula a sensibilidade e a crítica, componentes muitas vezes negligenciados por uma formação tecnicista. Privilegiam-se teóricos que discutem o lugar das artes na formação do indivíduo e nos próprios documentos oficiais de educação, não aqueles que negam esse lugar e sua importância. A capacitação técnica do aluno não prescinde do estímulo ao exercício da sua subjetividade, visto que, através desta última, nos tornamos mais críticos e criativos.

Num país reconhecidamente marcado pelas desigualdades, na dimensão do humano, do que é dignidade e cidadania, acentua-se uma constante mobilização no sentido de aprimorar o trabalho docente, ao aperfeiçoar novos e antigos conhecimentos. Tornam-se indispensáveis as funções que motivem experiências no modo de fazer e sentir, ao promover a formação do humano e de sua humanidade, não apenas entre os grupos humanos, mas entre estes e o mundo, lugares e ambientes, incluindo-se todos os seres vivos que afetam e são afetados por nossas ações, em comunidades tradicionais e fluidos pertencimentos.

O texto literário, como objeto estético na formação do indivíduo, e a literatura, em sentido amplo e nos documentos orientadores e norteadores do currículo, convergem para um campo de atuação – o artístico-literário –, com início no Ensino Fundamental. Sem abandonar o ensino que promove, em sua maior parte, o acesso aos textos clássicos, propomos estender a devida atenção às produções contemporâneas, trazer para a escola gêneros e modos de fazer e dizer as

literaturas indígenas, africanas, afro-brasileiras, latinoamericanas e de literatura universal. O ensino de literatura, portanto, não se confunde com certa “facilitação”, na escolha de textos com linguagem mais acessível aos leitores. O difícil e o fácil são indispensáveis no aprendizado, um não exclui o outro, o que se aprende é repleto de texturas, na construção de repertórios que se iniciam na escola, mas nela não findam; pelo contrário, um dos principais papéis da escola é o de promover aberturas, não fechamentos.

O primeiro artigo, intitulado “Acesso à leitura e narração de contos de fadas na primeira infância: implicações para a formação identitária e a constituição das crianças como sujeitos sociais e de conhecimento”, é de autoria de Eliziane Gorete Kielb e Ivone Maria Mendes Silva. Reúne resultados de estudos etnográficos, realizados em ambiente escolar, em duas escolas de educação infantil no município de Erechim, no Rio Grande do Sul. Foram entrevistados docentes atuantes na educação infantil, que reúne crianças de idades entre 3 a 5 anos. Os professores mediadores, no encontro das crianças com os contos e outras modalidades literárias, podem contribuir para o aprimoramento de conhecimentos e de cidadania de sujeitos em formação.

O artigo segundo, “Descobrimo o gosto pela leitura: uma experiência com o projeto ‘leitura em família’”, de Rafaella Pereira Chagas, Diana Maria Leite Lopes Saldanha e Maria Lucia Pessoa Sampaio, investiga as mediações de leitura, tendo como eixo inicial o projeto “Leitura em família”, em uma escola pública, no interior do Rio Grande do Norte. O interesse e o gosto pela leitura de alunos, do terceiro ano do Ensino Fundamental, funcionaram como questões propulsoras para a identificação de modos mais participativos e eficazes no ensino. Ao final da pesquisa, com intervenção em sala de aula, a cada leitura concluída, os alunos passaram a ser impulsionados pelo próprio desejo de fazer outras e novas leituras, pelo prazer e pelas descobertas presentes no ato de ler.

No terceiro artigo, “É Cinderela ou Branca de Neve? – a experiência estética de crianças em atividade com conto de fadas”, de Débora Cristina Sales da Cruz Vieira, tem-se um recorte de dissertação de mestrado em Educação, com base num questionamento inicial: como se dá a percepção de processos imaginativos na experiência estética de crianças, durante a leitura e as atividades com conto de fadas? A experiência estética, nas estratégias de reconto oral de crianças, durante

leitura e atividades com o conto de fadas Branca de Neve, é indagada em relação ao que pode favorecer experiências imaginativas, numa produção simbólica e emocional das crianças participantes da pesquisa.

O quarto artigo, “A interação entre texto e leitor: uma leitura de ‘Tchau’, de Lygia Bojunga”, escrito por Jhennefer Alves Macêdo, direciona seu foco, como antecipa o título, para as relações entre leitor e leitura, enquanto desenvolve uma revisão pontual do panorama histórico da literatura. A orientação teórica, que sustenta a argumentação do artigo, inspira-se nas teorias literárias que enfatizam a atuação do leitor no processo de leitura, não restrita ao domínio do que diz o autor ou do que diz o texto, em sua imanência, a partir da década de 1960. A experiência estética do leitor o coloca ao lado do autor, pois sem leitura não há obra, não há livro ou texto. A obra literária passa a ser vista por sua abertura à compreensão de leitores, sujeitos ativos na produção de sentidos durante o processo.

No artigo quinto, intitulado “Leitura do texto literário na escola: experiências leitoras na construção de sentidos”, de Maria Isaura Rodrigues Pinto e Christianne Teixeira da Matta Godoy, a leitura desenha o espaço de construção de sentidos, em que interagem autor-texto-leitor. O estudo foi desenvolvido por Christianne T. da M. Godoy, sob orientação da primeira autora, a partir dos trabalhos de pesquisa e de intervenção vinculados à dissertação de Mestrado Profissional do ProfLetras (UERJ-FFP). Um dos objetivos da pesquisa é a ampliação da competência leitora dos alunos, com base nos trabalhos docentes, no CIEP Brizolão 239 Professora Elza Vianna Fialho. Tem-se, então, um ensino de leitura literária, de base dialógica, com o intento de orientar leitores a atitudes responsivas. Entre os resultados alcançados durante e após a realização da pesquisa, destacam-se a ampliação do conhecimento enciclopédico e da competência leitora dos sujeitos participantes.

O sexto artigo, sob o título “*Podcasting* Macunaíma: estética antropofágica na experiência de adaptação da obra de Mário de Andrade”, de Lisiane Machado de Aguiar e Luan Correia Cunha Santos, está centrado num processo de adaptação da obra de Mário de Andrade, “Macunaíma: herói sem nenhum caráter”, para a linguagem híbrida do *podcast*. A antropofagia ou o movimento antropofágico constitui uma metodologia comunicacional, propiciando maior pluralidade para a peça literária e nas múltiplas construções de sentido e produção de subjetividades, numa perspectiva inclusiva. Foram exploradas, durante a realização das atividades

em sala de aula, as principais características do produto da adaptação, assim como a compreensão de seu processo, formando uma ferramenta de múltiplas leituras, numa estética antropofágica, que explora tanto os imaginários e sua pluralidade, quanto as construções de subjetividades.

No sétimo artigo, “A estética da existência nos romances de formação: a construção da vida bela nos romances literários”, de Jordana da Silva Corrêa e Neiva Afonso Oliveira, temos uma investigação centrada na estética da existência nos romances de formação, que aciona conceitos de Michel Foucault como uma maneira de construir a própria vida, a partir do cuidado de si, da transformação do indivíduo, que compõe e integra a concepção de romance de formação. Este é um romance que relata o percurso de formação de determinada personagem, expõe eventos que suscitam as transformações do sujeito, em determinado período de sua vida. A vida bela, por sua vez, alicerça-se nas transformações do indivíduo e a construção autônoma de sua própria vida, o que norteia um romance de formação.

O oitavo e último artigo do dossiê, sob o título “Estudos literários, leitura e experiência estética: conexões e(m) tempos de confinamento”, de Maria Cristina Cardoso Ribas, formula um rico diálogo com o contemporâneo, ao inserir questionamentos existenciais, filosóficos e artísticos, de um modo amplo e relacional. O diálogo com o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017) sobre a questão imunológica, na obra *Sociedade do Cansaço*, analisa com o exercício do pensar, as práticas discursivas deflagradas pela pandemia de Covid-19, considerada, desde inícios do ano de 2020, como um evento dos mais complexos e maior abrangência, em todos os continentes, em sua natureza e proporção, que marcará definitivamente o mundo no século 21. O artigo busca delinear o papel das Humanidades, no campo dos Estudos Literários, e propõe construir, com o leitor, outra experiência estética de leitura em tempos de medo, pandemia, quarentena e isolamento social.

Abrindo a seção *Varia*, o pesquisador senegalês Dame Kane desenvolve, no artigo “La figure de l’enquêteur dans l’imaginaire des protagonistes du polar” (“A figura do investigador no imaginário dos protagonistas de romances policiais”), um estudo sobre a representação do investigador em três obras da poética policial africana negra: *L’Archer bassari*, de Modibo Sounkalo Keita (1984), *L’Empreinte du renard*, de Moussa Konaté (2006) e *Sorcellerie à bout portant*, de Achille Ngoye (1998). Ele demonstra que prevalece nos romances analisados uma visão negativa

dessa instituição, que representa o poder do Estado e é relacionada pelos demais personagens ao abuso, à violência e à arbitrariedade. O artigo do professor Dame apresenta uma interessante contribuição aos estudos de narrativas situadas no Mali e no Congo e descortina ao leitor brasileiro a riqueza do polar francófono negro-africano.

No segundo e último artigo que da seção *Varia*, intitulado “Criatura, monstro, animal, carne ou carniça: a notável perpetuação dos arquétipos femininos da cultura misógina”, Thiane Nunes traz uma abordagem acerca da representação da mulher em diferentes linguagens artísticas e analisa o contexto destas produções, focalizando, sobretudo, o padrão misógino presente na cultura ocidental, no período de transição da cultura *fin-de-sécle* para a moderna e, finalmente para a contemporaneidade. A pesquisa investiga obras produzidas por homens, a relação destas produções que reforçam o sistema patriarcal como *modus operandi* do pensamento ocidental e as reverberações dessa concepção no campo artístico. Ao colocar em evidência as diferentes linguagens artísticas, a pesquisadora sugere novos olhares e interpretações acerca das imagens, experiências e informações, instigando outras formas de estruturar o pensamento, indo ao encontro do conceito de novos intérpretes sociais.

A Entrevista “Caminhos entre pesquisa e formação docente”, organizada por Ana Crélia Dias e Luiza Helena Oliveira da Silva, reitera o valor institucional e formativo do PROFLETRAS, nas vozes das entrevistadas, Professoras Germana Maria Araújo Sales (Coordenadora da Área de Linguística e Literatura na CAPES), Mirian Hisae Yaegashi Zappone (Coordenadora Adjunta de Programas Profissionais na CAPES) e Maria da Penha Casado Alves (Coordenadora Geral do PROFLETRAS), por seu explícito compromisso com a reflexão e a ação docente no ensino nas áreas de Letras e suas linguagens.

Fechando o número 18 da *Pensares em Revista*, apresentamos duas resenhas. Na primeira, "Precarização do trabalho no novo filme de Ken Loach e a atual pandemia de COVID-19", Vivian Heringer Pizzinga discute o filme *Você não estava aqui* (*Sorry we missed you*, 2019), em que uma família do Reino Unido é retratada a partir das relações precarizadas de trabalho vivenciadas por alguns de seus membros e as consequências em suas vidas e no grupo familiar. A autora traça ainda um paralelo com a atual conjuntura da pandemia global da COVID-19 e os

processos de precarização do trabalho que podem ocorrer também na crise sanitária em curso. Na segunda, intitulada “Um espectro ronda o mundo – Boaventura de Souza Santos e as primeiras lições da pandemia”, Marcia Lisbôa C. de Oliveira aborda o E-Book *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Souza Santos. A obra, publicada em meados de abril de 2020, desenvolve uma breve e densa reflexão sobre a crise decorrente da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Desejamos que as duas resenhas sejam lidas como sinal de nossa resistência crítica à desumanidade de governos que priorizam a economia sobre as pessoas e como respeito às vítimas da pandemia.

Em cenário conturbado, sinalizado por contextos diversos que nos (i)mobilizam a rever pensamentos e a condição humana, os esforços das organizadoras do dossiê *Estudos literários, leitura e experiência estética* e das editoras da *Pensares em Revista* foram voltados para viabilizar a publicação pontual deste número – no primeiro dia do quadrimestre.

Sobre as organizadoras do dossiê

Ana Crélia Dias

Mestrado (2003) e Doutorado (2008) em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Especialização em Literatura infantil e juvenil (1999) pela mesma universidade, Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura infantil, literatura brasileira, literatura e ensino e formação do leitor literário. É membro integrante do Grupo de Pesquisa EnLIJ - Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas, coordenado pela Prof.Dra. Regina Michelli (UERJ). Líder do grupo de pesquisa Literatura e Educação literária (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5906903233650588) e coordenadora do GT da Anpoll Literatura e Ensino.

Ana Cristina Coutinho Viegas

Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1992) e Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1983). Atualmente é professora do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Líder do grupo de pesquisa Literatura e outras linguagens na Escola Básica: letramento literário e formação continuada do professor. Tem experiência na área de Letras, tendo atuado principalmente nos seguintes temas: teoria literária, literatura brasileira, leitura e prática de ensino.

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996), com Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio. Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990) e Graduação em Letras pela Universidade Federal Fluminense (1982). Professora Associada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. Professor colaborador do corpo docente do PPGHS. Integra, desde 2014, o corpo docente permanente do ProfLetras (FFP-UERJ), linha de pesquisa Leitura e escrita na educação básica. Pesquisas em desenvolvimento: a) Memórias na neblina: o lugar da ficção na trajetória de Adalgisa Nery; b) Práticas de produção e de leitura de gêneros textuais e digitais. Integrante do Diretório de Pesquisa "Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente", vinculado à Biblioteca Nacional.